



# RAIO DA SILIBRINA



7



**MALA VÉIA, SEU HENRIQUE  
E OUTROS CAUSOS E COISAS DO PALHANO**

# RAIO DA SILIBRINA

N. 7 ♦ Parahyba, maio de 2023



José Vladimir durante a entrevista na Vila Nojosa



## MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A

Parahyba (João Pessoa), PB, Brasil. 58046-033

marcadefantasia@gmail.com; <https://www.marcadefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e um Projeto de extensão do Departamento de Mídias Digitais da Universidade Federal da Paraíba.

Editor/fotos: Henrique Magalhães

Capa: Vlad no bar e lanchonete Mala Veia, Palhano, CE

# MALA VEIA, SEU HENRIQUE

## e outros causos e coisas do Palhano

Se há uma figura conhecida no Palhano, esta se chama Vlad. José Vladimir Barbosa, filho de Judite Batista Barbosa e José Terceiro Galvão, não registrado, é conhecido carinhosamente por Vlad. Tem vários irmãos de três famílias diferentes, por parte de pai. É casado e tem duas filhas. Em 5 de maio de 2023 fez 44 anos. Faz de tudo um pouco, é dono de uma lanchonete e bar, e uma casa de peças para casa e construção. Fez o Segundo Grau e o Curso Normal, o Pedagógico, como se chamava.

Dono de um rico repertório de histórias folclóricas e populares, verídicas ou não, Vlad é um acervo vivo das peraltices que já ocorreram no Palhano, das brincadei-



ras extravagantes de carnaval às pechas jogadas sobre as mulheres velhas da cidade. Com humor e inventividade, Vlad se envolve nas próprias histórias que conta, tornando-se, talvez, mais uma personagem da mitologia urbana, que atualiza, com seus relatos, os causos e coisas dessa pequena cidade do Vale do Jaguaribe cearense.

*Fale sobre seu interesse pelo Judô, que chegou a levá-lo ao Japão.*

Eu sempre gostei de artes marciais. Toda criança na minha infância assistia os filmes de Bruce Lee e quando terminava saía lutando. Sempre tive o sonho de viajar ao Japão como lutador de artes marciais. Realizei o sonho, que só caiu a ficha quando cheguei aqui de volta ao Palhano. Fui convidado para ficar um ano lá. Através de mim, outras pessoas de nossa academia já foram convidadas a passar quatro anos lá, mas em nenhum caso deu certo. Agora tem uma turma que vai prosseguir nesse objetivo.

*Você acha que isso é uma boa contribuição para a formação da juventude?*

Muito boa. O conceito sobre disciplina, que aplicamos, a disciplina para a vida da pessoa que pratica a arte marcial, é muito bom. Essa é uma arte marcial de guerra, você não vai escolher com quem vai lutar, seja



alto ou do mesmo peso, como na vida, que lhe dá vários murros. O Judô tem esse aspecto, de você não temer lutar na vida. Creio eu que várias pessoas mudaram hoje através do Judô.

### A jocosa “mala véia”

*O que me motivou a lhe procurar para essa conversa é que você é uma pessoa muito popular no Palhano, conhecedor de muitas histórias, tem uma vivência intensa com a cidade. Seu bar tem o nome inusitado de “Mala Veia”, numa referência a algum fato pitoresco que aconteceu na cidade. O que foi e o que resta dessa “mala véia”?*

Na saída do Palhano, onde é o Fórum hoje, que fica em frente ao meu bar, tinha uma praça onde o pessoal se encontrava. No final dos anos 1970 foi feita uma construção nessa praça, uma espécie de pedestal para colocar uma placa com as referências dos construtores da estrada que liga Palhano à BR 116. Tinha um quadrado onde todo mundo esperava o ônibus dos Irmãos Barreto para ir para Russas. Sobre esse quadrado estava a base para colocação da placa, era uma construção que parecia uma mala aberta, com pezinhos e tudo, então passou a se chamar de “mala véia”. Lá, como era escuro à noite, muita gente se encontrava para namorar, pra conversar, essas coisas. Nós, meninos danados, íamos para debaixo dos bancos para frescar. Hoje não resta mais nada desse marco. No tempo que fizeram o Fórum sobre a praça, tiraram a placa e ela sumiu.

Tinha uns rapazes, Niltinho Galvão, Almir, uma turma que andava muito, que gostava de tomar umas. Nessa praça sentavam umas coroas - nesse tempo já eram coroas. Uma já vai fazer 72 anos, as outras tinham quase da mesma idade; eram Leuda, Nelita, Maria do Rodrigo, Antenora e outras, era muita gente. Aí o finado Niltinho foi quem deu o nome: Praça das “Mala véia”. Até hoje minha tia não gosta do nome de meu bar porque elas eram chamadas de “mala véia”. Houve até discussão entre eles por causa disso.

*Então não era só pelo pedestal com a placa que tinha a forma de mala, era um apelido.*

Era onde elas ficavam, então ficou Praça das Mala véia, porque eram todas coroas.

*Esse fato ficou conhecido na cidade?*

Sim, virou um ponto de referência, era conhecido por todo mundo como “mala véia”, como se fosse uma parada de ônibus. Menos para essas mulheres, que tinham ódio desse nome. Eu sempre gostei muito, então quando em botei o bar, pensei em dar esse nome: “Lanchonete Mala Veia”. É assim que as pessoas conhecem, não como o bar de Vlad.





*Vejo que você tem papel timbrado com o selo “Mala Veia”.*

Eu não sou muito de fazer divulgação, não gosto muito dessas coisas, a propaganda é o produto que se vende, que é o mais importante. Às vezes se faz um slogan, mas não tem um bom produto para vender. E lá, se tem um produto que nós vende muito, é simpatia.

*As pessoas acham esse nome Mala Veia engraçado? Tem alguma história associada a essa origem?*

A história é que eu gosto muito do nome. Eu andava de perna de pau, saía de cima da mala veia. Eu, Márcio da Nestrina, finado Marcos Raimundo, Zaqueu... era um ponto de referência muito grande e aquilo ficou marcado. Sempre eu dizia que quando botasse um nome, ía botar esse nome se fosse fazer alguma coisa.

Outra, eu nasci e me criei na rua Sete de Setembro, depois passei para a Possidônio Barreto, que fica em frente à “mala véia”. A gente fazia circo do lado. Quando vinha um circo, armavam no terreno descampado que servia de praça para a “mala véia”. Quando o circo saía, a criançada fazia um circozinho de brincadeira. Depois fizeram um colégio no local, que o prefeito Joaquim Bastião começou, então entrou João Mateus, abandonou, derrubou... e o pessoal carregava os tijolos para fazer casa. Invocado é que tinha um cidadão da cidade que pagava, dava bombons a nós pra derrubar o colégio, pra tirar os tijolos para ele.

Eu queria acrescentar que foi a Mala Veia que me deu o que tenho hoje, acho que foi uma ideia muito boa. Muita gente no início achava graça, até os vendedores e entregadores de bebida só me chamam de “mala”. O nome de fantasia é “Mala Veia”, então o pessoal de fora conhece mais por esse nome que o daqui. No Google tem a identificação como "Mala Veia" também.



*Você não ficou apreensivo de que lhe chamassem de “mala véia”?*

Não! Muita gente me chama de “mala”, “mala véia”. Hoje esse ponto é conhecido em nossa região muito bem.

*Isso é interessante porque é uma característica sua, de como você lida com essas gaiatices, mas de uma forma muito bem humorada e simpática.*

É muito bom essas coisas, gosto muito.

## **A memória de Seu Henrique**

Outro ponto que me interessa é sobre a figura histórica ou mítica de Seu Henrique. Quem danado é Seu Henrique que dá nome a uma banda marcial, a uma retreta... retrata não, charanga, não... ah, fanfarra. O nome Seu Henrique é atribuído a uma fanfarra, é uma homenagem que lhe prestam alguns jovens da cidade. Então esse Seu Henrique deveria ser um figura folclórica, ou importante, ou um mito urbano para poder ter esse tipo de homenagem.

Eu acho muito pouco a homenagem que prestam a Seu Henrique. Não só Seu Henrique, porque tinha o finado Seu Carmelino, o finado Zé Pedro e outros que faziam a festa. Seu Henrique tinha o apelido de finado

Funheca, ele mesmo se apelidava como finado Funheca: - Finado Funheca chegou!

Seu Henrique era uma figura que gostava muito de criança, muito mesmo. Eu tive o prazer de conhecer Seu Henrique muito menino. Minha mãe tinha um bar na rua Sete de Setembro, geralmente a feira aqui era de domingo, aquele pessoal que vinha, antes ia ali na estrada, tomava um conhaque São Joãozinho da Barra, tomava umas cachaças para poder sair para as lagoas, eles guardavam muita coisa lá em casa, geralmente armas, vinham com umas facas, essas coisas, não podiam entrar na feira, deixavam lá e na saída pegavam.

Seu Henrique, todo carnaval, eu acho que ele não fazia isso só aqui, ele fazia também em Aracati. No começo, os dois primeiros dias ele não estava no Palhano, depois ele vinha. Mas, geralmente ele estava primeiro no Palhano e depois ia para Aracati e fazia a mesma fanfarra. O que era a fanfarra dele? A lembrança que tenho é que ele chegava lá em casa com um "canil" de cachaça, pedia pra mãe maquiá-lo, vestia uma roupa de mulher, um vestido, saía todo maquiado, a cabecinha dele sempre com o cabelo bem curtinho. Quando ele chegava lá, a meninada já começava a fazer aquela fanfarra em frente; mesmo com medo, mas a meninada já estava lá.

*Ele se vestia de mulher? Em que época era isso?*

Era entre os anos 1980 e 1990. Eu era ainda muito pequeno, mas alcancei Seu Henrique uns seis a sete anos seguidos fazendo esse papel. Ele fazia muito sucesso com a criançada. Era uma pessoa muito benquista, todo mundo gostava do humorista que ele era - eu trato ele como humorista; nós, cearenses, gostamos muito de humor. Ele saía juntando os meninos, vinha uns cachorros no meio da rua, ele balançava o chocalho - ele andava com dois chocalhos - os cachorros latiam, os meninos riam, ele corria pra cima dos meninos, os meninos corriam com medo dele. Criança quando via aquele rebuliço... e aqueles meninos mais ativos iam com ele.

*Era como o personagem “Mateus”, dos folguedos populares, do Bumba meu boi, que é um animador.*

Eles gostavam muito, cantavam muito. Geralmente ele fazia umas paradas e começava a cantar. O mais importante é por que que todo mundo andava atrás dele? Era porque de vez em quando ele jogava um “mói” de bombons e era aquela festa de menino! Ele passava assim os três dias de carnaval, dormia no meio da rua.

*Ele tinha família, era casado?*

Ele morava onde hoje é a comunidade da Luzilândia, era casado, tinha filhos.

*Por que ele se entregava nessa fantasia, nessa brincadeira?*

Ele gostava muito disso. Eu, particularmente, tenho um projeto pra assumir o canto dele nessa parte. A gente não vive sem cultura, eu acho que não. Hoje o mundo está esquecendo muito das coisas tradicionais, das brincadeiras de antigamente. A gente no Judô sempre tenta repassar isso, brincadeira do anel, de bandeirinha, mata-mata. Tem criança que nem imagina que tinha aquela brincadeira. Seu Henrique fazia muito isso com a gente, era uma pessoa muito culta.

*Quantos anos ele tinha quando fazia isso?*

Ele tinha uns 50 anos. Outra coisa que eu me lembro de Seu Henrique, uma vez tava compadre Tião lá em





casa, aí tava todo mundo, aquela “ruma” de menino, o João Lollipop, da pizzaria - de primeiro era João Pirulito porque vendia aqueles pirulitos de açúcar com limão - e Seu Henrique gostava muito de presepada, ele era muito presepeiro, eu me lembro como se fosse hoje. João largou a tábua de pirulito encostada na calçada e Seu Henrique quando foi sair tacou a mão na tábua de pirulito. Foi pirulito pra tudo que era lado, os meninos pegando os pirulitos e João chorando, pensando que ia perder os pirulitos. E Seu Henrique, no final - eu não vou pagar, não vou pagar - mas pagou por todo mundo: - venha cá, menino chorão, eu vou pagar os pirulitos! E foi aquela festa, aquela brincadeira.

Outra. Nesse mesmo dia, a gente acompanhou ele. Estavam fazendo a alicerce do prédio de Pedrinho,

que fica na rua do Serrote. Seu Henrique mandou todo mundo se deitar no alicerce e fez todo mundo cantar: - Carnaval são só três dias, o diabo que inventou, carnaval vem da Bahia... Tinha o restinho, não me lembro bem, e essa meninada toda cantando, muito bom. Assim ele andava rua por rua.

*Você acha que Seu Henrique merecia um destaque maior pela representação que tinha na cultura popular?*

Não só na cultura popular. Ele também gostava da festa de Santa Luzia, em Luzilândia. Toda vida, geralmente, matava-se um boi, lá. Hoje ainda tem a festa, pode ter mais gente, mas não é tão festiva como era antigamente. Era uma festa de virar a noite e Seu Henrique animava. Ele era uma pessoa muito caridosa, muito boa mesmo.



Sobre o carnaval também, tinha o finado Carmelino, que fazia o “grupo do finado”. O grupo andava com um finado dentro de uma rede, pedindo dinheiro para a viúva enterrar. Isso era uma brincadeira, pessoas que gostavam de carnaval demais, que animavam o carnaval daqui. Muita gente não teve o gosto de ver essas brincadeiras, mas eram muito boas.

*Esse grupo que criou a Fanfarra Seu Henrique chegou a conhecê-lo?*

Acho que tem alguém que conheceu, mas a maioria acho que não.

*Então é uma homenagem póstuma a Seu Henrique, para gravar a memória do que foi o Finado Funheca. A propósito, de onde Seu Henrique tirou esse apelido? Não sei de onde ele tirou esse nome, acho que de outra pessoa que era também mito aqui, folclórica, que ele trouxe das antigas, geralmente de origem africana, esse pessoal gosta dessas coisas.*

*Tem pessoas, hoje, que seguem esse papel de animador, de brincalhão na cidade?*

Tem poucos, mas tem muita gente que tem vontade. Eu sou um, que gosto muito. A gente tinha uma turma muito boa, que gostava principalmente do mela-mela,

de brincar o mela-mela bem melado mesmo, com mel de caju, salmoura de peixe, goma, “Dona Benta”, carvão pisado...



## Mais figuras folclóricas

*Eu identifico nessas histórias, inclusive em você, que diz que é um herdeiro do espírito brincalhão dessas personagens, uma chance de criar uma brincadeira autêntica de carnaval, de fazer uma “reencarnação” ou um resgate da memória de Seu Henrique, juntamente com a fanfarra, para sair animando a cidade. A gente teve uma pessoa muito boa também, que não*

pode deixar passar, é o finado Valter. Esse era outro ícone da cidade. Andava de perna de pau, animava quadrilha de São João, andava com a noiva dentro do carro de mão... esse era Seu Valter.

Tem uma história de Seu Valter com Roberto da Galinha - ele vendia galinha. Aí, ele comprava frango a Roberto. Ele tinha um restaurante que era onde hoje é o R8, que é o Clube do Nenê. Aí, um dia, esse Roberto da Galinha foi comer lá, pediu um tira-gosto a Seu Valter. Muita gente ia lá, a comida era muito boa, ele fazia um feijão tropeiro gostoso, muito bom. Era muito brincalhão também. Sempre ele ia em sua mesa com



alguma coisa pra lhe animar. Aí esse Roberto da Galinha foi, estava comentando o tira-gosto: - Seu Valter, que tira-gosto bom é esse aqui. E Seu Valter: - aí é os cu da galinha que você bota pra mim, toda vez que eu pego vou tirando um pedacinho e deixando pra você.

Tinha história de Seu Valter que ele botava cobra para o pessoal comer. Quando eu comecei a namorar com Alcione, geralmente ia comer lá. Um dia chegamos lá, Seu Valter falou: - quando vier o comer, tenho um presente pra você. Então lá vem ele, com uma mão de boi no meio do prato arrodado de feijão. Isso foi aquela brincadeira, aquela festa. Tinha uma cachaça que ele dava pro povo, pau-dentro, que era cheia de raiz, eu gostava muito.

*É fato que essas histórias todas já passaram. Na atualidade tem gente com esse espírito fanfarrão? Sei que você é um. O pessoal da fanfarra Seu Henrique tem um pouco do espírito brincalhão?*

Tem. Joenys, Cleber, esse pessoal aí da fanfarra, são todos da banda de música. A gente foi de um tempo, quando a banda de música surgiu aqui, que acompanhava a banda de tocando. Palhano todinha parava, onde a banda passava era um sucesso. É o que acho é que o pessoal da banda de música é pouco valorizado, começando pelo que eles ganham, um salário véio...



Avenida principal do Palhando com a igreja matriz

acho que é 120 reais. Eu nunca vi um vereador nem ninguém bater nessa tecla, porque eu acho que uma banda de música na cidade é uma coisa muito importante. Vamos supor, a alvorada de uma cidade que canta, a abertura do carnaval. A banda pode ser um incentivo às crianças, porque é um meio de tirar muita gente da rua e é uma profissão. Tem muita gente que tocou em bandas famosas através da banda de música.

*Pode ser também um meio de formação, por exemplo, o Olodum, na Bahia, é uma escola de formação de novos músicos. É muito importante realmente incentivar e manter esse tipo de atividade.*

Aqui a gente também tinha a turma do Reisado, que era o Gaspar, Seu Raimundo da Preta... Eles faziam o Reisado e era uma coisa muito boa. Depois entrou a turma do Boção, Mauro Sérgio, Amauri, o Zé Boneco, eles se vestiam até a caráter para o Reisado. Esse pessoal foi perdendo o interesse por falta de incentivo até da população.

*Parece que há uma perda das raízes, das tradições, o mundo caminha para uma generalização, em todo canto é tudo igual, essas coisas mais folclóricas, mais pitorescas, acabam se perdendo, vão morrendo os que faziam e não tem novos para substituir.*



Além do bar, Vlad administra a Casa Barbosa - parafusos e ferramentas

O Reisado, principalmente. Eu fiz muito “serração”, ou “serra-velho”, que era uma brincadeira que a gente fazia com o pessoal mais idoso. Aí a gente chegava na casa das pessoas e gritava - Fulano, abra a porta, cheguei agora. Aí quando a pessoa respondia a gente “serrava”, quebrava cabaça, balançava chocalho, fazia aquela zuada.

*Aqui tem uma história de caçar e Caipora que me chamou muita atenção.*

Essas histórias de Caipora, aqui, vai sair o nome das pessoas, vai? Estava vendo um guia esses dias, um cara contando a história da Caipora, que tinha que deixar o fumo, se não a caçada não prestava.

*É a Comadre Florzinha da gente, conhece?*

Não. Aquele assovio fino, já botava o fumo ali, ela passava e pegava o fumo.

*Mas, existe Caipora?*

Eu acredito. Tem a história de uma Caipora que correu atrás de um antigo vereador daqui. Ele jogando baralho, perdeu dinheiro, chegou em casa, pra não passar vergonha, arrombou a porta - essa história é verdadeira - dizendo que a Caipora tinha botado nele, chegou sem

nada, só de cueca. No outro dia foi um rebuliço na cidade... só se falava no vereador e na Caipora.

*Os vereadores daqui têm folclore. Teve outro, ouvi falar, que foi abduzido. Mas isso é outra história. Como nas Mil e uma noites, assim encerro nossa conversa sem fim.*

Entrevista proposta por Henrique Magalhães com José Vladimir Barbosa. Palhano, CE, 6 de abril de 2023.



Mercado público do Palhano, ponto central do comércio da cidade



<https://www.marcadefantasia.com>